

Ciência A última aula de Carlos Fiolhais é sobre História da Ciência

“Devo tudo à universidade e fiz tudo o que me pediu. Temos as contas em dia”

É físico, guardador de livros, divulgador de ciência. Carlos Fiolhais é também professor catedrático da Universidade de Coimbra, posto do qual se despede hoje

Camilo Soldado texto
Adriano Miranda fotografia

Carlos Fiolhais chega em passo rápido ao Rómulo, o Centro Ciência Viva ao qual ajudou a dar forma e a encaixar no enorme bloco de betão que é o Departamento de Física da Universidade de Coimbra. Nas duas salas, as paredes que não têm janelas são corridas por livros. E continuam a chegar. Por via de doações – há quatro mesas ocupadas com pilhas para triagem – e pela mão do próprio Fiolhais, que traz ao ombro uma mochila pendurada por uma só alça e, debaixo do braço, um conjunto de embrulhos com livros que lhe chegam diariamente pelo correio.

Acaba de fazer 65 anos e, quando recebeu o PÚBLICO, estava a poucos dias de assinalar o ponto final da carreira docente, ao fim de 44 anos. Isto já depois de ter dado a última aula de Mecânica Quântica II, no dia 28 de Maio. No final, tirou umas fotografias com os alunos, recebeu um ramo de flores e foi tudo. Mas a Universidade de Coimbra (UC) não deixaria que uma das suas figuras mais reconhecidas saísse de cena sem alguma pompa, apesar das circunstâncias. Daí que apresente hoje a palestra “História da Ciência na Universidade de Coimbra”, pelas 14h30, no auditório da Reitoria da UC e que pode ver-se *online* (em <https://www.youtube.com/univdecoimbra/live>). A última aula do catedrático de Física será sobre História.

“Já dei a última lição, agora vou dar outra última. Vão matar o negócio das últimas lições. É a última até agora”, comenta, em tom animado. Vai buscar as palavras de Vitorino Nemésio para dizer que vai “deixar

de funcionar, mas apenas como funcionário público”.

Podia fazer mais cinco anos de docência, mas não quer. “Entre aqui com saúde e saio pelo meu próprio pé. Se esperasse mais um bocadinho, não tenho a certeza de que pudesse dizer o mesmo”, atira. “Devo tudo à universidade e fiz tudo o que me pediu. Foi um jogo de benefícios múltiplos e temos as contas em dia”, diz, para explicar a sua relação com a Universidade de Coimbra.

Continua a gostar de dar aulas e do “elemento de imprevisibilidade” dessa tarefa, mas deixou de ter paciência para “as classificações, as reuniões, as chatices, as burocracias”. Na sala, nunca sabe como vai correr, tenha ou não preparado a lição. “Houve uma vez em que fui a uma escola e sabia o que havia de dar, mas não encontrei o PowerPoint. Comecei a fazer gestos que nunca tinha feito, parecia um macaco. A certa altura, temos os alunos na mão: eles vêem que o artista se está a esforçar para o público.”

Isso serve para quê?

Há uma componente narrativa que se perde com a intermediação do ecrã, como teve de acontecer por dois períodos, no último ano. “[Ao vivo], há uma alegria, umas anedotas que um indivíduo conta. Por vezes, lembro-me mais das histórias que um professor contava do que propriamente da matéria”, refere. “Ao vivo ou no Zoom? Não há comparação possível.” Mas, ao computador, as “possibilidades são fantásticas”. “Ainda no outro dia dei uma conferência e estava gente do Brasil e Moçambique. Não é melhor que estar ao vivo, mas é a segunda melhor coisa.”



Carlos Fiolhais
e, em baixo, a sua tese
de doutoramento em Física
Teórica que fez na Alemanha

“
Já dei a última
lição [aos alunos
de Física], agora
vou dar outra
última. Vão matar
o negócio das
últimas lições.
É a última até
agora

Carlos Fiolhais
Físico e divulgador de ciência

Quando entrou para o ensino superior, Fiolhais foi para Física “sem saber bem ao que ia” e o pai perguntou-lhe: “Isso serve para quê?” Entre outras coisas, serviu para ser director da Biblioteca Geral da UC (BGUC), cargo que desempenhou entre 2004 e 2011. “Serve para isto”, disse ao pai, no dia em que tomou posse.

Em Coimbra, o percurso universitário começou na década de 1970. Em 1977, já era professor e vai para Frankfurt em 1978, tirar um doutoramento em Física Teórica. É esse trabalho, com o miolo batido numa máquina IBM e com encadernação em capa dura e pele vermelha, com letras douradas, que mostra, como uma relíquia de outra época.

É do tempo do luto académico: diz que não liga à capa e batina, que só as usou na defesa da tese de doutoramento. E a borla de catedrático? “Nunca usei aquilo a que se chama ‘um abafador de ideias’. Nem anéis. Parece-me um ritual medieval. E, no entanto, consegui chegar a catedrático sem nada dessas coisas”, aponta.

Na Alemanha, debruçou-se sobre Física, deu explicações a filhos de emigrantes e encontrou-se com os gigantes da língua portuguesa nas bibliotecas. “Li os Eças, os brasileiros, tudo”, recorda, lembrando que as bibliotecas germânicas tinham tudo e na versão original. Foi pelos livros – “a porta de entrada”, como lhes chama – que chegou à Física, nomeadamente pelos de Rómulo de Carvalho, professor de liceu, divulgador de ciência e poeta com o nome de pena António Gedeão. E espera que o tempo que lhes dedicou lhe sirva de alguma coisa. “A maior parte dos livros da Biblioteca Joanina [que faz parte da BGUC] ou são bíblicos ou relacionados com a Bíblia. Não sei quais são as maneiras de ganhar o céu, mas guardar livros deve dar uns pontos.”

E daqui para a frente, o que vai fazer? “Dizem que tenho mais jeito para umas coisas do que para outras. A minha mulher diz que não tenho jeito nenhum para escolher as cores das roupas e essas coisas, mas eu sou daltónico”, introduz. Mudando de



tom, diz que quer continuar a fazer resenções. “Tenho muita coisa para ler. Não vou conseguir ler tudo. Mas o Jorge Luís Borges dizia que, mais tarde ou mais cedo, os livros encontram o seu leitor.” Faz trabalho de edição, coordena um ciclo para a Fundação Francisco Manuel dos

Santos e vai continuar essas actividades, diz, agora que fica sem as aulas, que lhe levavam 30% do tempo.

Com o cargo na BGUC, deixou de olhar tanto para a Física Teórica e passou a “mergulhar mais na cápsula do tempo”, uma orientação que conta prosseguir. “Não me quero



comparar, mas o Luís de Albuquerque [historiador] também mudou de carreira. Ainda não tive tempo de ter produção suficiente, mas já comecei. O truque é juntarmo-nos a pessoas, ninguém faz nada sozinho”, diz, dando como exemplo a colecção das *Obras Pioneiras da Cultura Portuguesa*, que dirige com o historiador José Eduardo Franco.

Contar histórias

Na última aula, o físico vai falar sobre História. Mais concretamente, sobre a História da Ciência na Universidade de Coimbra desde o século XVI, sobre a entrada da ciência moderna em Portugal, o papel e a influência dos jesuítas na disseminação desse saber. “Nós temos esta história que não está suficientemente contada.”

A sua última lição vai até ao século XX. Não entra nas décadas mais recentes, não lhe interessa e é preciso distância, diz. “Setecentos anos [referência à idade da UC] são anos a mais na boca das pessoas. Eu queria era que se tratasse dos próximos sete. Vamos ter uma chuva de dinheiro como nunca aconteceu no país, mas as universidades sabem que não é para elas e não protestam”, lamenta. “As universidades concordaram com o Governo que não ficam pior do que o que estão. É como diz Rui Rio [sobre câmaras, nas próximas eleições autárquicas]: ‘Não perdemos mais do que aquelas que já perdemos.’ Quando chegamos a este ponto...” E faz um gesto com a mão como quem diz que não vê solução.

Diz também que sai do ensino “para dar oportunidades a outros”. “A universidade pode, com o meu ordenado, dar emprego a um jovem mais brilhante do que eu em algumas matérias.”

Não sai sem mágoa. “A minha geração conseguiu espalhar muito a esco-

44

é o número de anos que o físico leccionou na Universidade de Coimbra, carreira de que se despede hoje

laridade e a alfabetização científica – vamos chamar-lhe assim –, mas não conseguiu dar empregos. Pelo contrário, são cada vez mais precários. Isso é um desconsolo que a minha geração devia transportar. Não vejo ninguém muito penitente, mas eu sinto muita mágoa”, admite. Entende que quem está na academia há mais tempo devia fazer alguma coisa por quem forma essa vaga de precariedade, “mas eles também deviam mover-se mais e ser mais reivindicativos”.

Diz que os cientistas têm falta de representação em Portugal. Falam, mas não são ouvidos e lamenta que a percentagem do produto interno bruto (PIB) português que é investida em ciência continue abaixo da média europeia, pese embora a sucessão de promessas.

Como um actor no palco

Carlos Fiolhais cultivou desde cedo presença na imprensa, uma proximidade que tem raízes antigas. O académico retira de um saco um conjunto de pastas com uma espécie de *clipping* pessoal, onde guarda cópias d’*O Estudante*, jornal do qual foi chefe de redacção, no Liceu José Falcão, escola de Coimbra que frequentou. Aí publicava textos e desenhos. Ao longo da carreira, tem publicado dezenas de livros de divulgação científica, escreveu para o *Expresso*, escreve para o PÚBLICO, para o *Jornal i*. É presença constante em televisões. Conta que, por essa projecção, foi

reconhecido há uns dias, em Gouveia, mesmo com a máscara. “O meu interesse não é pessoal. Tenho tentado canalizar isso a favor das coisas que me entusiasmassem, como a divulgação de ciência”, analisa. Na formação dessa *persona* mediática, ganhou habilidades de comunicação, “como um actor que vai ao palco ‘n’ vezes e que, de algum modo, perde a vergonha”.

De há uns anos para cá, interessou-se por História. “Uso a notoriedade que tenho para cruzar estas coisas que estão desligadas”, conta. E passa à prática: “Galileu escrevia muito bem e tocava alaúde. O pai, Vincenzo, está no grupo que introduziu um novo género, a ópera. A História é isso, mostrar o que está ligado.”

Fora da academia, apoiou duas candidaturas presidenciais – um vitorioso e um derrotado – de Jorge Sampaio e de Sampaio da Nóvoa. Em Coimbra, é tudo mais recente. Em 2017, envolveu-se na criação do movimento independente Somos Coimbra, que mais recentemente se aproximou do PSD. Discordou do rumo e saiu, juntamente com outros fundadores, já no final de 2020.

“A nossa lógica era de alternativa aos grandes partidos. Assim, o grande engole o pequeno. Sempre foi assim e não é muito difícil prever o que vai acontecer”, comenta. Ainda assim, desanimado com o que vê na cidade, não dá como encerrada a participação activa na política local. “Não há nada irrevogável na vida. Só tenho 65 anos. No futuro, posso ajudar e gostava muito, mas também não me armo em carapau de corrida. Primeiro, os carapaus não correm; segundo, não tenho cara de carapau.”

Para já, tem a possibilidade de usar o tempo. “O outro dizia: ‘Vou andar por aí.’ Eu vou continuar a fazer as coisas que sei fazer e que me deixarem fazer.”